Eric Ponty

MOTETOS PARA O RIO DOS MORTOS

(Várias vozes e com música)

(POESIA)

Virtual Book´s

2007

P/ Fernando Fiorese, Júlio Polidoro,
Edimilson de Almeida Pereira,
Iacyr Anderson Freitas e Wilmar Silva.

Tarcisio Nascimento Teixeira
In memorian

O*s mortos sentam-se à mesa*
mas sem tocar na comida;
ora fartos, já não comem
senão côdeas de infinito.

Os Mortos de Ivan Junqueira

INTRÓITO

1 – Reunião e o rito da passagem.

Partir em compungida procissão
quando íamos de sólida existência.
E ausentes apurar-nos a cavidade
delimitada do solo mais plano.

Do azul céu ou rubro inferno
hóspede das sepulcrais e tétricas
arenas de nossos corpos. Rude a
alteração da matéria bruta,
evolução de tosca perspectiva.

Tranqüilo céu de nuvens tão fugidias.
No principio não era símbolo do nada
era o contra plano deste espaço oco,
sem habitar em ou dizer nenhuma fala
adornadas fontes dessas memórias.

2 – Os Cemitérios Noturnos

Nas serras e vilas, o contrito povo
em murmúrio segue carregando
na memória, alguns outros ecos
aqui presentes recordam-se aís
daqueles seguidos na romaria
nesse habitat ausentes formas.

Homenagem justa dos distantes.
faz-se vinculo sempre restaurado!
O reviver no Moteto as visões
resguardadas perspectivas valeryanas!

A pronta existência consumada na lide
conservada imagens mais hirtas da vida
e a pretensa vida sempre se resguarde!

Quando no silêncio esse grito repousar
o mais puro fruto da mais perene obra
fulgor tempo; dessa tosca efeméride,
narrativa arbitraria dos permanecidos
nascidos e olvidados cá na memória.

Do azul céu ou rubro inferno hóspede das sepulcrais e tétricas arenas de nossos corpos. Rude a alteração da matéria bruta, evolução de tosca perspectiva.

3 – Solidão da Arcádia pastoreada.

É simples olhar estas grades
recitar verso do meu eu mais fundo
lembrar-me de como era o passado,
de imaginar efígies do futuro
perspectiva por esses elos
presentes. As cinzas dessas horas.

É simples olhar essas grades
recitar esse verso do meu eu mais fundo
perspectivar
era o primeiro quem a partir
depois do pecado de Eva
ao fazer-se mais funda essa vereda.

4 - O Silêncio dos Carneiros.

Os carneiros lado a lado
pastando imóveis no tempo
sucumbem-se gritos
do algoz sol todo dia,
na melancólica lua todo dia.

Os carneiros lado a lado
pastando imóveis nas horas
sem quaisquer ruídos digam
denunciem ou apresentem
vizinhos singelos do silêncio.

Tão quietos no hábitat,
circunspetos tão mudos.
Esses murmuram e surraram
algaravias facultadas ainda
são a fissura do poema.

Os carneiros lado a lado
pastando imóveis nas horas
sem quaisquer ruídos digam
ou denunciem ou apresentem
vizinhos singelos do silêncio.

5 – Murmúrio olvidado.

É passado é passado é passado,
o presente odiará tê-lo lembrado
coisas brancas estáveis e unas:

É presente é presente é presente
do passado é o que dali houve
foco da perspectiva do seu olhar.

6 – Serenata angelical.

Ah, venha em mim no seu canto
por detrás de minha retina
emane-me em sol a rugir
dessas palavras do agora.

Cante canções em mim,
aprendidas na ausência
da paixão infinita e maior
da efígie de um pássaro
na aurora insofismável
minha querida madrinha.

7 – Parábola de Jacó.

Jacó terá sido vitorioso na luta
amorfo sem perspectiva
em sua fé
degenerada luta com o anjo.
A benção, senão a promiscua
expectativa de nossa esperança?

Josef, Sulamita, Peter, Amon ou a pequena Gabriela
cabelos loiros e azuis olhos subindo as torres de Babel
foram-se nessa augusta memória?

É simples percebe-lhe o seu perfil,
ausente e sobe a torre
do dia seus antepassados
arquitetaram-se lado a lado.

Josef, Sulamita, Peter, Amon ou a pequena Gabriela
cabelos loiros e azuis olhos subindo as torres de Babel
foram-se nessa augusta memória?

8 - A Ira de Deus

O que tinha a Deus com a destruição
da torre da Babilônia? Não fora erro
calculo e excesso utópico em dialogar
o inexprimível? E se tantas línguas,
não havia a língua da caridade:

Esta língua estranha à natureza humana
quando advinda
fraternidade
de um ser
a um outro
ser.

9 - Reflexos posteriores de todas as coisas

Transpor tantas lutas e tantas glorias,
fracassos renascidos e tantas derrotas:
Será sempre mesmo gesto ao amanhecer
fazendo-nos andar e levantar da existência e
de noite caminhar naquilo que nós...

O que faz o monge no hábito residir
pensamos ele saber o que ignoramos.
O que sabíamos no ato de morrer:
Mistério ou fé: Ilusão ou reflexo?

Imagem posterior de todas as coisas
refletidos nossos primeiros olhares
dissolvidos fátuo fogo da pradaria
pastoreavam brancos carneiros.

Aqueles ainda antes de nós,
nas pradarias do quais passamos,
não tenham endurecidos corações
na clemência de nos recordar um dia;
Lembrem-se daquilo em outrora Infinito.

Imagem posterior de todas as coisas
refletidos nossos primeiros olhares
dissolvidos fátuo fogo da pradaria
pastoreavam brancos carneiros.

Motetos aos ausentes

I – **Mansão do Quicumbi.**

De firmes portas o aço é a entrada:
O espaço é retângulo.
A guarda rodoviária vizinha
perspectivando quem se vai.

Pelas portas os humildes homens
não escreveram nenhum nome,
seres da mais pura existência
seres da mais pura existência larga
com braços e as pernas fizeram-se.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

II – **Mansão de São José**

Como carpinteiro da lavra,
viva mais apócrifa nos livros,
honrado pai de adoção do divino
abençoa os destituídos filhos
de toda graça necessária.

Como quase uma mansão branca
de muros rudes de cimento oblíquo
protegem os restos dos lá dormem;
a proteção ainda mais necessária,
aos que nem mais se findaram.

Nesse rude pasto é a nossa ida
homens, mulheres e crianças jazem
juntando aos mais ermos carneiros
alguns de vida social mais apócrifa,
outros pedreiros, lavadeiras, santos,
todos em um uníssono sono.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

III - **Mansão de São Gonçalo Garcia**

De fronte de murada moura
o castelo erguido à esperança.
È a igreja vista em primeiro plano
ao se rezar antes de adentrá-la:

Pequenas portas em aço sem adornos,
a vida flui sem subterfúgios.
Esse o sol tolera a lua surgida
no ciclo infinito que a órbita.

Sem grandes manadas é o pasto
singelos e profundos carneiros
edificados na fé de se dar o passo.
Uns pastam solitários outros unidos,
a escutar ao lado vozes humanas
de crianças ignorando o dúbio sentido.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

IV – **Mansão de São Francisco de Assis**

Uma nau rumo ao ignorado
é o último formato lato e acabado.
Na entranha há algo de incompleto
ficaram os adornos a serem doirados.

Suas portas solenes rumo ao pasto
habitando brancos carneiros
em detalhes tangidos das moradas
dos mausoléus solenes que habitam
as solenidades e vaidades dos vivos.

As estátuas se perdem em visões
berninianas expressões cotidianas
em fragmentos de uma era grega
pudesse ressurgir no último fôlego.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

V– **Mansão dos Tupinambás**

Comentam que a mansão existe
ao não serem cristãos; apócrifos,
ritos, mitos, sorrisos, gritos. Das serras
de minério em fecundidade.

Silenciosos adormecem sem adornos,
ensinando-nos do silêncio a passagem
do estar vivo e estar morto: Miragem.

VI – **Mansão de N.S. do Rosário**

Se tiver que subir a transcender
então que se faça à maneira de Jacó;
e aqui a pompa esteja na altura
do espaço entre o hábitat e seus mortos
na esperança da graça do manto sagrado.

O silêncio advindo dos carneiros maciços
em urbana urbe sobem aos muros
lembrando os pedidos de pai Abraão
em prédios de onde habitam os vivos.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

VII – **Mansão de N.S do Pilar**

Se a indesejada chegar uniforme
a todos num democrático alarido
a mansão é vizinha do Rosário
também elevada em silêncio
no pranto plano desse prado.

No seu fim a pequena capela,
se a oração bastasse no cume
de transcender ao outro lado.
Antes há de passar pelo portão
de ferro e subir a lúgubre ladeira.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

VIII – **Mansão de N.S Das Mercês**

Num local alto do céu azul
erguem-se escadas a Jacó em ladeira.
O principado do interior simples
sem grandes arroubos e adornos.

Ao lado se principiam as escadas
no campo dormem os carneiros
adentrando ao alto do morro
escadas de vários pavimentos.

Daqui o lugar tão ermo d'alma
é possível se descortinar a urbe.
Embaixo em melancólico rito
grita e sorri os lampejos da vida.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças,
Senhor Deus...

IX – **Mansão de N.S. do Carmo**

Imponentes as grades de ferro
e quadrilátero o espaço urbano
em quarteirão esses adormecem
nas falas, procissões e murmúrios.

Seu interior uma terma romana
o quadrilátero recinto mausoléu.

Carneiros espaçosos a humana forma
repousa silenciosa a dimensão,
enquanto no adro há outros
que desceram à fria terra.

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus nas graças de Maria...

Et

in Arcadia

Ego

Motetos Para Os Rios dos Mortos – Uma entrevista

(1) **O que o motivou a composição sobre a tradicional manifestação artística leiga religiosa sanjoanense da Encomendação de Almas?**

Foram duas motivações sobre a ***Encomendação de Almas***, e, nenhumas dessas duas motivações se entrelaçam a não ser pelo laço afetivo da memória de uma ligação mais estreita dessa manifestação dita tradicional.

Primeiro estava procurando um tema para escrever, que não houvesse sido explorado pela contemporaneidade sanjoanense. Esse tema me pareceu original, sendo também a tradição da literatura da escritura mortuária no século XX registrada nas poesias de um T.S. Eliot, Ferreira Gullar, João Cabral ou mesmo de um Dante, além é claro o mais notório Paul Valéry que me influenciou de maneira decisiva.

Sempre gostei do ar solene desse tipo de composição gera a reflexão do tempo e do estar no mundo, e do homem do universo e da consciência como finitude desse papel como interprete.

Tenho por costume, e por me ser comum, uma vez vindo de uma família de músicos. Eu escutava música erudita por gostar de certo tipo de composição. O Réquiem ou missa aos mortos. Poderia alavancar uma série de compositores que fazem esse tipo de reflexão que vão da idade média até compositor como Arvo Part de que conheço todas as músicas publicadas.

Nessa mesma tradição da literatura mortuária no Brasil do século XX podemos lembrar-nos de João Cabral de Melo Neto, Ivan Junqueira, Ferreira Gullar que também me influenciaram na abrangência dessa consciência da tradição poética mortuária.

(2) **Fale sobre a influência de Paul Valéry na composição dos motetos?**

Em 1997 li uma tradução de Jorge Wanderley do poema de Paul Valéry "Cemitério Marinho", em um poema de cento e oitenta versos. Paul Valéry. Cemitério Marinho foi pensado por Paul Valéry para ser o grande diamante construído aos longos dos 180 versos perpassados em versos decassílabos onde palavras femininas e masculinas se alternam nos finais dos versos criando assim uma bela obra de engenharia poética. O poema Cemitério Marinho é exercício metafísico ou existencial sobre o existir e a função de nossa passagem imaginada em um cemitério de Sète refletido no mar mediterrâneo outro cemitério análogo, da reflexão desse cemitério e de seus mortos nas águas do mediterrâneo que se faz o diamante do Cemitério marinho.

Senti magneticismo dos versos em francês sem saber a sintaxe da língua, e da maneira que esses versos valeryanos dialogavam de alguma forma comigo. Fui traduzindo todas as palavras e elaborando outra tradução com dicionários. O mais importante é que li francês sem saber francês nas nuances de sua sintaxe. Aos poucos essas foram clarificadas.

(3**) Na abertura dos Motetos dos Rios dos Mortos há um dos poemas dedicados a Paul Valéry não, Cemitérios Noturnos?**

O Cemitério Marinho deixou certas marcas na minha poesia, certo legado. Eu colocaria ainda mais, traduzir Paul Valéry modulou minha consciência poética, adensou minha voz poética deixando-a mais consistente ao fazer poético.

Na primeira parte faço a variação do tema na música da abertura com Cemitérios Noturnos justaponho e transladando metáforas de Cemitério Marinho à realidade sanjoanense:

Nas serras e vilas, o contrito povo
em murmúrio segue carregando
na memória, alguns outros ecos
aqui presentes recordam-se aís
daqueles seguidos na romaria
nesse habitat ausentes formas.

Homenagem justa dos distantes.
faz-se vinculo sempre restaurado!
O reviver no Moteto as visões
resguardadas perspectivas valeryanas!

A pronta existência consumada na lide
conservada imagens mais hirtas da vida
e a pretensa vida sempre se resguarde!

Quando no silêncio esse grito repousar
o mais puro fruto da mais perene obra
fulgor tempo; dessa tosca efeméride,
narrativa arbitraria dos permanecidos
nascidos e olvidados cá na memória.

(3) **Motetos dos Rios dos Mortos é composição em duas partes. A Primeira parte "Intróitos' e da segunda parte "Motetos dos Ausentes". Poderia nos dar a explicação do por que da divisão estrutural do poema?**

Na abertura não dialogo somente com Paul Valéry, mas também com a Sagração dos Ossos de Ivan Junqueira. Não é a toa que este poema está citado como epigrafe dos motetos.

Ivan Junqueira passa a impressão de haver passado a vida a se defrontar unicamente com essa questão existencial, ou melhor, essencial da dualidade que está entre nascer e morrer. Todos outros grandes poetas o fizeram e continuaram a defrontar-se com essa questão única da poesia, mas em Ivan parece que a questão adensa-se num personagem de si mesmo. Na poesia de Ivan não há subterfúgios ou personas nesse questionamento de ser: Esta ali se sagrar inteiro até nossos olhos num ser humano que passa, mas não aceita (acata) mecanismos do universo.

A primeira parte é *Intróitos* na verdade dialoga essas varias vozes da poética da tradução mortuária do século XX com os poetas que citei nas perguntas acima. Os Motetos podem ser lidos em separado da segunda parte, mas como ela o poema se completa.

Na primeira parte dialogo exatamente esta consciência de finitude fazendo o levantamento da consciência, tentando preencher espaços vazios da ausência deixada:

Imagem posterior de todas as coisas
refletidas em nossos primeiros olhares
dissolvidos fátuo fogo das pradarias
pastoravam dos brancos carneiros.

Aqueles que ainda antes de nós,
nos campos do quais passamos,
não tenham em si endurecidos corações
na clemência de nos recordar um dia;
Lembrem-se daquilo em outrora Infinito.

Na segunda divisão denominei de "Motetos dos Ausentes" É dialogo daquela questão da primeira pergunta tradicional da manifestação artística leiga religiosa sanjoanense que é Encomendação de Almas.

O moteto *Senhor Deus* de Ribeiro Bastos me pareceu o mais profundo e o mais melódico dos motetos da encomendação, pelo menos a minha afetividade pessoal. Suas melodias me notam contornos melódicos que me remetem ao Gustav Mahler de Canção da Terra ou Richard Wagner de Parsifal. A robustez simples da melodia parece o sussurrar.

O Moteto *Senhor Deus* de Ribeiro Bastos na melodia há também duas aparentes divisões: Se tiver atenção à primeira parte que diz: "Senhor Deus Misericórdia" há a dor latente da melodia nos remetendo ao dizer de João da Penha e da "consciência desta finitude" como nos dissesse: Senhor Deus porque nos fez mortais. Esse Moteto de Ribeiro Bastos tenta nos consolar na segunda parte "pelas dores da virgem Maria Santíssima".

Nos meus "Motetos dos Ausentes" tinha de fazer variações, uma vez, que estas tinham de ser por intermédio da palavra que é meu instrumento de composição. Encontrei a seguinte solução que fosse contraponto a esse dialogo do Moteto de Ribeiro Bastos:

Senhor Deus misericórdia,
Senhor Deus clemência,
Senhor Deus pelas graças ,
Senhor Deus...

No "Motetos dos Ausentes" este quatro versos acima pontuam a visita afetiva aos cemitérios sendo denominado de mansões podendo me ater que a segunda parte não compunha a variação desses Moteto.

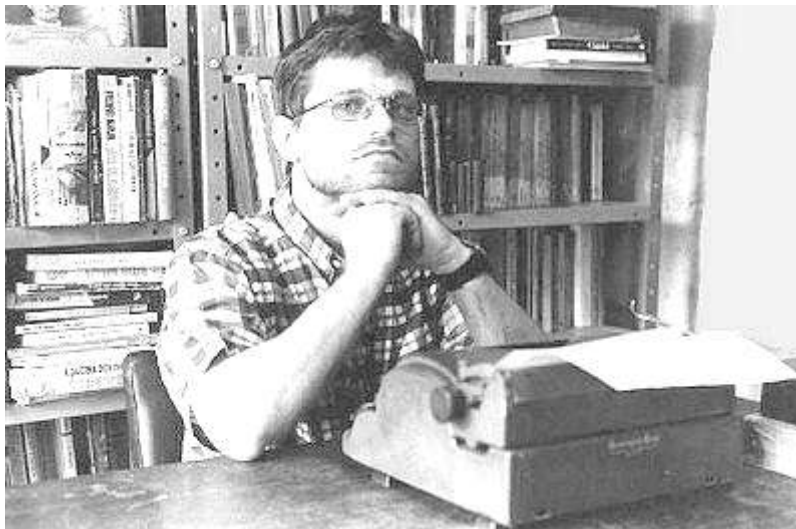
No "Motetos dos Ausentes" há o cemitério sem qualquer referência na via sacra da Encomendação de Almas que é o cemitério dos Tupinambás. Alguns afirmam existir, mas oficialmente não foi demarcado geograficamente.

Ao criar esse hiato da Mansão dos Tupinambás dividi o espaço geográfico sanjoanense em dois. Geograficamente esse cemitério não se encontra dentro das delimitações da via sacra da *Encomendação de Almas* sendo também é substituição do Córrego do Lenheiro que corta a cidade

A referência à letra do Moteto de Ribeiro Bastos irá completar-se na última mansão que é a da N.S. do Carmo a ser visitada na Via Sacra da Encomendação de Almas.

4) Poderia explicar o titulo "Motetos Para Os Rios dos Mortos?"

Na verdade o titulo alude ao rio perpassado à região denominada de Rio das Mortes. Em suas margens houve a Guerra dos Emboabas sendo também é alusão a Dante e a Divina Comédia, O rio perpassa o inferno é o Rio dos Mortos. O titulo é também alusão ao primeira parte da Ilha Devastada de T.S. Eliot.

Autor

Eric Ponty (1068/) Poeta e escritor. Nascido em 1968 São João del-Rei. Tem inéditos livros de poesia e prosa para adultos e crianças. Colaborador das revistas Poesia Sempre, Órion – Revista de Poesia do Mundo de Língua Portuguesa (Brasil/Portugal), Revista Poesia Para Todos, Dimensão, Babel, Ato Revista de literatura, DiVersos (Portugal), O Achamento de Portugal (Brasil/Portugal) entre outras publicações como da Academia Sanjoanense de Letras da qual é membro. Está na Antologia Mineira do Século XX, organizada por Assis Brasil da Editora Imago. Selecionado para A Voz do Poeta (RJ) Compôs com Alexandre Schubert (RJ) o Lied "Sálmico de Betsaida" menção honrosa no concurso Música Brasileira de Contrabaixo, livro de partituras organizadas por Sonia Ray, pela Universidade de Goiás tendo a estréia no Congresso Universitário em Indianápolis nos USA. Traduziu O Cemitério Marinho de Paul Valéry, Música de Câmara de James Joyce, e uma seleta de Pablo Neruda. Para Brooklyn Bridge de Hart Crane. Publicou o livro de poemas infanto juvenil O Menino Retirante Vai ao Circo de Brodowski com reproduções das pinturas de Cândido Portinari (Musa Editora 2002) PNLD 2006 tendo adaptação teatral de Wilmar Silva que a estreou em Belo Horizonte. Integrante da Terças Poéticas é realização da Secretaria de Estado de Cultura de Minas Gerais em parceria entre o Suplemento Literário e a Fundação Clóvis Salgado nos jardins internos do Palácio das Artes. No prelo em prosa poética A Baleia Azul Cortez Editora de São Paulo.

Email: ericponty@bol.com.br